

## Interview with Richard Grusin

Eduardo Felipe Weinhardt Pires<sup>1</sup>

**Abstract:** Author of *Remediation: Understanding New Media* (with Jay David Bolter, 1999), Richard Grusin, under the impact of the 9/11 attack against the Twin Towers in New York, went on to develop his innovative media theoretic ideas under the title of *Premediation: Affect and Mediality After 9/11* in 2010. Grusin was Director of the Center for 21<sup>st</sup> Century Studies at the University of Wisconsin-Milwaukee from 2010 to 2015, where he organized a path breaking conference on *The Nonhuman Turn*, assembling diverse perspectives against the anthropocentrism of the history of ideas in the Western hemisphere. More recently, Grusin proposed the notion of “radical mediation” as a new approach to the media and the processes of mediation. This new perspective, presented in an article published of the journal **Critical Inquiry**, is the main topic of this interview. Grusin expounded his ideas on radical mediation for the first time at the international conference *The Secret Life of Objects* 2015 in São Paulo. Grusin’s point of departure is William James’s concept of “radical empiricism”.

**1. Eduardo Weinhardt: In the article “Radical Mediation” (2015) you wrote, “for radical mediation, all bodies (whether human or nonhuman) are fundamentally media, and life itself is a form of mediation” (p. 132).**

---

<sup>1</sup> Researcher at São Paulo Catholic University (PUC-SP)/ “TransObjeto” Research Group.

## Entrevista com Richard Grusin<sup>2</sup>

Eduardo Felipe Weinhardt Pires<sup>3</sup>

**Resumo:** Autor de *Remediation: Understanding New Media* (em parceria com Jay David Bolter, 1999) e *Premediation: Affect and Mediality After 9/11* (2010), Richard Grusin tem-se aproximado ao crescente debate sobre novas concepções ontológicas e epistemológicas que vêm espalhando-se por diferentes áreas do conhecimento. Em 2012, organizou uma conferência chamada *The Nonhuman Turn*, trazendo para o debate diferentes perspectivas que negavam o antropocentrismo da tradição filosófica e científica do ocidente. Recentemente, Grusin propôs a noção de uma “mediação radical” para um novo entendimento dos processos de mediação. A ideia de mediação radical, apresentada pela primeira vez no II Simpósio Internacional “A Vida Secreta dos Objetos” em São Paulo, 2015, é o tema principal desta entrevista concedida por e-mail em junho de 2016.

**1. Eduardo Weinhardt: No artigo “Radical Mediation” (2015), você escreveu que “para a mediação radical, todos os corpos (humanos ou não humanos) são fundamentalmente mídias, e toda a vida é ela mesma uma forma de mediação” (p. 132).**

---

<sup>2</sup> Tradução de Eduardo Weinhardt e Winfried Nöth.

<sup>3</sup> Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade de São Paulo, integrante do grupo de estudos TransObjeto. Contato: [eduardowp@gmail.com](mailto:eduardowp@gmail.com).

**Both notions of “media” and “mediation” are reminiscent of those applied in the field of communication studies, but your understanding of the terms goes well beyond that, acquiring a more ontological perspective. How do you define “media”, “mediation”, and “mediatisation” more precisely?**

**Richard Grusin:** “Mediatization” refers to the historical process by which media have come increasingly to influence human (and nonhuman) life (and nonlife). It is a way to name and therefore to be able to study the proliferation of technical and social media forms and practices in the 20th and 21st centuries. In many ways, mediatization describes part of what Bolter and I meant to capture with the term “remediation,” particularly the way in which all media remediate prior media forms.

“Media” and “mediation” do, as you say, have conventional meanings in communication and media studies, which often understand media and mediation as coming between or representing preformed actants or entities.

**Ambas as noções de “mídia” e “mediação” remetem primeiramente à área dos estudos em comunicação, mas o seu entendimento desses termos vai bastante além, adquirindo uma perspectiva mais ontológica. Nesse sentido, como você definiria mídia, mediação e midiatização?**

**Richard Grusin:** “Midiatização” refere-se ao processo histórico pelo qual a mídia passou a influenciar, cada vez mais, a vida (e não vida) humana (e não humana). É uma maneira de nomear e poder, assim, estudar a proliferação de novos formatos e práticas midiáticas, técnicas e sociais, nos séculos XX e XXI. Em diversos aspectos, a midiatização descreve uma parte do que Bolter e eu queríamos designar com o termo “remediação”, especialmente com relação à maneira como todas as mídias remediam formas midiáticas anteriores.

“Mídia” e “mediação”, como você apontou, têm significados convencionais na área de estudos de comunicação e mídia, em que costumeiramente se entendem mídia e mediação como algo que está entre, ou representando, actantes ou entidades pré-formadas.

But I am trying to see mediation as generative and regenerative of media forms, of human and nonhuman life and nonlife. “Mediation”, of course, has other meanings as well, which Raymond Williams has detailed well, and as I discuss in “Radical Mediation”.

**2. EW:** The very notion of “object” is being revised in your text on radical mediation in a way that your ontological perspective appears essentially different, not only from most of Western Philosophy but also from the more recent philosophical movement of Speculative Realism. Whereas Harman (2007), for example, defends the idea that objects cannot touch directly, you are proposing, as far as I understood, that objects can only exist when they are being touched and are touching others. Is this assumption right?

**RG:** In a word, yes. But I find the idea of touching to be a bit unidirectional and abstracted, as I sometimes do the idea of “object.” Mediation entails much more than touching.

Eu, no entanto, estou tentando entender mediação como um gerador e regenerador de formas de mídia, de vida e não vida humana e não humana. Mediação, é claro, tem outros significados, detalhados por Raymond Williams e discutidos por mim em “Radical Mediation”.

**2. EW:** A noção de “objeto” é reelaborada nesse seu texto sobre a “mediação radical”. Nesse sentido, a sua perspectiva ontológica parece ser essencialmente diferente, não apenas da tradição histórica da filosofia ocidental, mas também dos filósofos identificados com o recente movimento do Realismo Especulativo. Se Harman (2007) defende, por exemplo, que nenhum objeto pode ser completamente tocado, você me parece estar propondo que os objetos só podem existir quando tocados, e quando estão tocando outros. Estou certo?

**RG:** Em uma palavra: sim. Mas eu acho a ideia de “tocar” um pouco unidirecional e abstrata, assim como, às vezes, a ideia de objeto também é. Mediação acarreta muito mais que tocar.

It entails remediation, transformation, modulation, and so forth. I would restate your question to say that objects are always being mediated and can only exist when they are remediating and being remediated. Objects are media and mediations both; they are always mediating.

**3. EW: Coming back to you notion of “object”, you argue that**

Mediation does not stand between a pre-existent subject and object, or prevent immediate experience or relations, but rather transduces or generates immediate experiences and relations. Not only is mediation immediate, but it is also individuating in Simondon’s sense, operating through a process of becoming to generate individual subjects and objects through what James might have meant to understand as experienced relations, subjects and objects which are themselves remediations (GRUSIN, 2015, p. 138).

**Under these premises, how do you define “thing” or “object”? If it is pure mediation itself, what is it that defines and limits it? What is its smallest fraction that still corresponds to one and the same thing?**

Acarreta remediação, transformação, modulação e assim por diante. Eu reformularia sua questão para dizer que objetos estão sempre sendo mediados e só podem existir quando estão “remediando” e sendo “remediados”. Objetos são mídia e mediação, eles estão sempre “mediando”.

**3. EW: Ainda tratando sobre o entendimento de “objeto”, no mesmo artigo você argumenta que:**

A mediação não se dá entre um sujeito e um objeto pré-existentes, nem evita uma experiência ou relações imediatas, ao contrário, ela transduz ou gera experiências e relações imediatas. Não apenas a mediação é imediata, mas também relacionada à individuação, no sentido usado por Simondon, operando por um processo de transformar-se em algo para gerar sujeitos e objetos individuais, através do que James talvez tenha entendido como relações “experienciadas”, sujeitos e objetos que são eles mesmos remediações (GRUSIN, 2015, p. 138).

**Nessa perspectiva, como você definiria uma “coisa” ou um “objeto”? Se ele é pura mediação, o que o define e o limita? Qual é sua menor parcela a que ainda corresponde uma coisa específica?**

**Is it possible to differentiate between object, action, event, and interaction?**

**RG:** I would not follow Harman in defining objects as ontological starting points. Every object is something like what Jane Bennett calls, following Deleuze and others, an assemblage, made up of, as well as making up, other objects/assemblages/mediations.

“Objects” are not fixed, but are always in a process of change or transformation, over vastly varying temporal and spatial scales. While of course we can talk in an everyday way about objects — “you are the object of my gaze,” or “there are a variety of objects in that toolkit” — the term is freighted with the epistemological weight of the opposition between knowing/perceiving/acting subject and known/perceived/acted upon object.

Similarly, we regularly distinguish in colloquial discourse among “actions” or “events” or “interactions.” Unlike “objects,” however, these terms tend to assume heterogeneity, multiplicity, movement, and temporality in a way that objects don’t.

**Nesse sentido, é possível diferenciar objeto, ação, evento e interação?**

**RG:** Eu não seguiria Harman ao definir objetos como pontos de partida ontológicas. Todo objeto é algo similar àquilo que Jane Bennett denomina, seguindo Deleuze e outros, uma *assemblage*, feita de, ao mesmo tempo que faz, outros objetos / *assemblages* / mediações. “Objetos” não são fixos, mas estão sempre em processo de mudança ou transformação entre vastas variações de escala temporal e espacial. Enquanto, claramente, podemos falar de uma maneira cotidiana sobre objetos – “você é o objeto do meu olhar” ou “há uma variedade de objetos nessa caixa de ferramentas” – o termo carrega o peso epistemológico da oposição entre o sujeito que conhece/percebe/atua e o objeto conhecido / percebido / atuado.

Da mesma maneira, nós regularmente distinguimos, no discurso coloquial, ações, eventos e interações. Diferente de “objetos”, no entanto, esses termos tendem a incluir a heterogeneidade, a multiplicidade, o movimento e a temporalidade de uma maneira que objetos não fazem.

So in that sense I find them more congenial terms. While of course they can be differentiated, such differentiations are not in any sense fixed or unchanging.

Finally, in regard to your notion of “pure mediation,” I would deny that mediation could ever be pure; it is always impure, hybrid, mixed. Similarly, I would not want to think of the idea of “parcels” as if they were fixed substances or essences or as if they corresponded to particular “things”.

**4. EW: If Radical Mediation is immediate and related to the process of individuation, is there no notion of substance or essence in your perspective?**

**RG:** Not in the philosophical or metaphysical sense of something unchanging. It is important to think about time as well as space, of movement rather than fixity. I am more sympathetic with process-oriented philosophers like Emerson, Peirce, William James, Whitehead, Deleuze, or Massumi than with philosophers of essence or substance.

Então, nesse sentido, eu acho estas expressões mais agradáveis. Enquanto, é claro, elas podem ser diferenciadas, tais diferenciações não são de maneira alguma fixas ou imutáveis.

Finalmente, sobre a noção de mediação pura, eu negaria que ela poderá e jamais poderia ser pura. É sempre impura, híbrida, misturada. Da mesma maneira, não gostaria de pensar na ideia de “parcelas” como se elas fossem substâncias fixas ou essências, ou que elas correspondem a “coisas” específicas.

**4. EW: Nesse sentido, não há qualquer noção de substância ou essência na sua perspectiva?**

**RG:** Não no sentido filosófico ou metafísico de algo imutável. É importante pensar sobre o tempo assim como sobre o espaço, sobre o movimento mais do que sobre a constância. Sou mais próximo aos filósofos orientados ao processo, como Emerson, Peirce, William James, Whitehead, Deleuze ou Massumi, que aos filósofos da essência ou substância.

**5. EW:** The notion of flat ontology has been widely adopted by some of the most representative authors of Speculative Realism. Is it possible to understand radical mediation also as a possible perspective for a flat ontology?

**RG:** I'm not proposing a flat ontology *per se*, although I am sympathetic with the claim that there are not two distinct kinds of **ontos** or beings in the world. But I'm not happy with the rhetorical and affective aspects of the term "flat ontology," because the idea of flatness suggests, well to be literal, a two-dimensionality, an ironing out of differences. I don't think this is what is intended by the term, but language matters. The idea of flat ontology is often resisted, I think, because of these implications. Radical mediation is all about difference (as well as repetition).

**5. EW:** A noção de ontologia plana ou achatada tem sido amplamente adotada por alguns dos principais autores identificados com o Realismo Especulativo, inclusive por Harman, sobre quem já falamos. É possível entender a mediação radical também como uma perspectiva possível para uma ontologia achatada?

**RG:** Eu não estou propondo uma ontologia achatada *per se*, embora me identifique com a afirmação de que não há dois tipos distintos de **ontos** ou seres no mundo. Mas tampouco estou contente com os aspectos retóricos e efetivos do termo "ontologia achatada". A ideia de achatamento sugere, sendo literal, uma bidimensionalidade, uma eliminação das diferenças. Eu não acredito que isso seja o que se pretende com o termo, mas a linguagem importa. A ideia de uma ontologia plana é frequentemente rechaçada, acredito eu, por conta dessas implicações. A mediação radical trata, sobretudo, das diferenças (assim como da repetição).

**6. EW:** In your article in the *Critical Inquiry*, you wrote, “radical mediation does not take mediation as a unifying or totalizing epistemological concept that holds together disparate and heterogeneous practices, events, and entities” (2015, p. 145). Now, though radical mediation is not essentially an epistemological concept, is it possible to think of an epistemological structure based on it? What tools and methods could it adopt?

**RG:** Your quotation stops before the article’s next sentence, which balances the one you quote: “Nor does it maintain ontologically that there are only disparate and heterogeneous objects and things that do not relate to each other”. The point here is to reiterate what William James said about “radical empiricism,” which he opposed both to totalizing rationalisms and disjointed empiricisms.

**6. EW:** Em artigo publicado no periódico *Critical Inquiry*, você escreveu que a “mediação radical não assume a mediação como um conceito epistemológico unificante ou totalizante, que reúne práticas discrepantes e heterogêneas, eventos e entidades” (2015, p. 145). Nesse sentido, embora a mediação radical não seja essencialmente um conceito epistemológico, é possível pensar uma estrutura epistemológica baseada nela? Quais ferramentas e métodos ela poderia adotar?

**RG:** Sua citação termina antes da próxima sentença do artigo, que contrabalança esta que você selecionou: “Nem ela sustenta ontologicamente que somente existem objetos e coisas diferentes e heterogêneas que não se relacionam uma com as outras”. O ponto aqui é reiterar o que William James falou sobre “empirismo radical”, que ele opôs tanto aos racionalismos totalizantes quanto aos empirismos desarticulados.

But in the next sentence, “Rather, radical mediation takes everything as a form of mediation,” I do suggest how radical mediation might be pursued methodologically, by investigating any objects or events as mediations/translations of prior objects or events. Epistemologically or methodologically this is not a form of unification or totalization but rather a dogged insistence on difference as well as on repetition, at multiple and diverse temporal and spatial scales. Methodologically radical mediation refuses either to reduce objects or events to their constituent parts or to subsume them into totalizing forms of explanation.

**7. EW: The ontological structure you are proposing is somehow reminiscent of Latour’s writings. In which sense is it different from the Actor-Network Theory proposed by Latour and Callon?**

**RG:** Latour has been an important figure for the development of my thinking about mediation.

Na frase seguinte do texto, no entanto – “ao invés, a mediação radical entende tudo como uma forma de mediação –, eu realmente aponto como a mediação radical pode ser buscada metodologicamente, investigando quaisquer objetos ou eventos como mediações/traduições de objetos ou eventos anteriores. Epistemologicamente ou metodologicamente, esta não é uma forma unificadora ou totalizadora, ao invés disso, é uma obstinada insistência sobre a diferença, assim como sobre a repetição, em múltiplas e diversas escalas espaciais e temporais. Metodologicamente, a mediação radical recusa-se a reduzir objetos ou eventos as suas partes constituintes ou agrupá-los em formas totalizantes de explicação.

**7. EW: Em certo sentido, o entendimento de mediação radical faz lembrar os escritos de Latour. Em quais aspectos o seu conceito é diferente da Teoria Ator Rede de Latour e Callon?**

**RG:** Latour tem sido uma figura importante para o desenvolvimento do meu pensamento sobre mediação.

Beginning in the late 1980s when I first read *Science in Action*, his work has helped me to think through and ultimately reject the dualism and representationalism which I had been engaged in deconstructing since my graduate school years in Berkeley beginning in 1976.

In particular his ideas of translation and technical mediation have been and remain crucial for my thinking of mediation as transformative and active. Early on I was enamored of the idea of actor-networks, but I now think that the network model is limited, especially insofar as it seemed to emerge from (or at the very same time as) the idea of networked computing. I am less interested in identifying or cataloging actants or in tracing or visualizing networks than in traditional actor-network theory—although there is much excellent work that has done just that. Nor am I interested in system-building, something Latour has always had a penchant for.

Começando no fim dos anos 1980, quando li pela primeira vez **Ciência em Ação**, seu trabalho tem me ajudado a pensar sobre e, em última análise, a rejeitar o dualismo e o representacionismo, o qual tenho estado engajado em desconstruir desde minha pós-graduação em Berkeley, começando em 1976.

As ideias dele de tradução e mediação técnica, em particular, foram e seguem sendo cruciais para meu pensamento sobre a mediação como algo transformador e ativo. No início eu estava encantado com a ideia de redes de atores, mas agora eu acredito que o modelo de rede é limitado, especialmente na medida em que parecia emergir das (ou exatamente, ao mesmo tempo em que) redes computadorizadas. Estou menos interessado em identificar e catalogar actantes, traçar ou visualizar redes, que na teoria ator rede tradicional – embora haja excelentes trabalhos que tenham feito justamente isso. Nem estou interessado na construção de um sistema, algo que Latour sempre se mostrou propenso a fazer.

But insofar as actor-network theory assumes a heterogeneous ontology in which any and all kinds of things can be actants and can make up networks, I am sympathetic with it. One aspect of this theory that I find particularly helpful is the idea of “centres of calculation” that Latour develops in *Science in Action* and in his important essay “Drawing Things Together,” precisely because it is an interesting way to think about the multiple scales of radical mediation, calculation as a scaling up or scaling down, to speak somewhat imprecisely. This notion is crucial to understand the operations of data, big and small, at the present moment, operations which I am beginning to think about in terms of the concept of “datamediation”.

**8. EW: Remediation, premediation and hypermediacy are concepts to which you have dedicated a great part of your writings in the field of media studies. You also use them in the texts on radical mediation, but there your concept refers to a wider set of events.**

No entanto, na medida em que a TAR assume a ontologia heterogênea na qual qualquer e todo tipo de coisa pode ser um actante, e pode formar redes, eu me identifico com ela. Um aspecto dessa teoria que me parece particularmente útil é a ideia de “centros de cálculo”, que Latour desenvolve em *Ciência em Ação* e em seu importante ensaio *Drawing Things Together*, justamente porque é uma maneira interessante de pensar a respeito das múltiplas escalas da mediação radical, considerando o cálculo tanto como crescimento quanto diminuição de escala, para falar de uma maneira um tanto imprecisa. Esta noção é crucial para entender as operações envolvendo dados, de qualquer volume, no momento presente. Operações sobre as quais estou começando a pensar em termos do conceito de “data-mediação”.

**8. EW: Remediação, premediação e hipermediação são conceitos aos quais você dedicou boa parte de sua pesquisa na área dos estudos de mídia e eles permanecem presentes nos textos sobre mediação radical, mas agora fazendo referência a um leque maior de eventos.**

**What roles do these concepts play in this new sense? How have your earlier studies brought you to the notion of radical mediation?**

**RG:** I think I address this in the “Radical Mediation” essay. But to restate, I would say that on the one hand, these concepts are all aspects of the notion of radical mediation. They are all concerned with the reality and immediacy of mediation, with their affectivity and agency. But especially in **Remediation**, and continuing to a much lesser extent in **Premediation**, these concepts have also addressed logics of mediation that are closer to the idea of representation. This is especially true of the formal aspects of immediacy and hypermediacy (as transparency and opacity) although in both cases mediation as representation is never separable from mediation as translation or transformation or affectivity.

**Quais papéis eles desempenham nesse novo conceito? Como seus trabalhos anteriores ajudaram a chegar à noção de mediação radical?**

**RG:** Acredito que trato desse tema no ensaio “Radical Mediation”, mas para reafirmar, eu diria que estes conceitos são todos aspectos da noção de mediação radical. Eles estão todos relacionados à realidade e ao caráter imediato da mediação, com sua efetividade e agenciamento. Mas, especialmente no livro **Remediation** (BOLTER e GRUSIN, 2000), e continuando com menos premência em **Premediation** (GRUSIN, 2010), estes conceitos também trataram da lógica da mediação que está mais próxima à ideia de representação. Isso é especialmente verdadeiro nos aspectos formais da característica imediata [*immediacy*] e da hipermediação [*hypermediacy*] (como transparência e opacidade), embora em ambos os casos a mediação como representação nunca é separável da mediação como tradução, transformação ou efetividade.

My thinking about mediation continues to change, as is only appropriate from such a dynamic, transformative concept. To think about mediation as radical, as I am now trying to do, is not to eliminate thinking about mediation in the more traditional sense in which it has been used in Western thought, and in which it continues to be used. Rather it is to try to identify how mediation works differently from these more traditional understandings, especially in conventional media and mediations that are understood to operate as intermediaries or as representations.

**9. EW: In an article entitled “The Poverty of Philosophy: Realism and Post-Fordism” (2013), Alexander Galloway points out some aspects regarding the flat ontology of Speculative Realism. As he sees it, this ontology might have risky endings:**

Meu pensamento sobre mediação continua mudando, como seria apropriado considerando que se trata de conceito tão dinâmico e relativo à transformação. Pensar sobre a mediação como radical, como estou agora tentando fazer, não se trata de eliminar o pensamento sobre a mediação no sentido mais tradicional do termo, o qual tem sido e segue sendo utilizado no pensamento ocidental. Ao invés disso, trata-se de identificar como a mediação funciona de maneiras diferentes destes entendimentos mais tradicionais, especialmente nas mídias e mediações tradicionais mediações, que são entendidas como operadores intermediários ou representações.

**9. EW: Em um artigo intitulado “The Poverty of Philosophy: Realism and Post-Fordism” [A Pobreza da Filosofia: Realismo e o Pós-fordismo] (2013), Alexander Galloway aponta alguns aspectos relacionados ao Realismo Especulativo que, na perspectiva dele, podem ter fins/resultados perigosos:**

With the new speculative realism, and perhaps also in a different way with Harman's object-oriented philosophy, one risks switching from a system of subjective essentialism (patriarchy, logocentrism, ideological apparatuses) to a system of "objective" essentialism (an unmediated real, infinity, being as mathematics, the absolute, the bubbling of chaos) (ibid., p. 356).

Com o novo Realismo Especulativo, e talvez também, de uma maneira diferente, com a filosofia orientada a objetos de Harman, corre-se o risco de trocar um sistema de essencialismo subjetivista (patriarcado, logocentrismo, aparatos ideológicos) por um sistema de essencialismo "objetivo" (um real não-mediado, infinito, sendo como a matemática, o absoluto, o borbulhar do caos) (ibid., p. 356).

**What do you think about Galloway's criticism and the critique others concerning Speculative Realism? Do you think similar criticism might also be addressed against the ontological and epistemological perspectives of Radical Mediation?**

**RG:** Galloway's piece participates in an ongoing (although for now mostly quiescent) quarrel between Speculative Realism and (call it) Marxism, which came to a head, as far as I can tell, at the day-long OOOIII conference in Manhattan, sponsored by The New School on September 14, 2011.

**O que você pensa da crítica desenvolvida por Galloway e outros com relação ao Realismo Especulativo? Você acredita que críticas similares podem surgir com relação a uma perspectiva ontológica e epistemológica da Mediação Radical?**

**RG:** O texto de Galloway integra uma disputa ainda em andamento – embora menos eloquente hoje em dia – entre o Realismo Especulativo e o (pode-se chamar) Marxismo, que veio à tona, até onde posso dizer, em uma conferência sobre Ontologia Orientada a Objetos em Manhattan, promovida pela *The New School* no dia 14 de setembro de 2011.

In this piece, Galloway criticizes OOO and Speculative Realism for separating ontology from politics, arguing that ontology can never be separated from politics, but is always political. Furthermore, he says that the ontology of OOO is neoliberalism, or at the very least homologous with neoliberalism. He bases this claim upon a parallel between object-oriented programming and object-oriented philosophy. But elsewhere this critique is made on other grounds as well. Sometimes, the focus on objects is likened to the focus on commodification, as a kind of philosophical commodity fetishism in which the world, the real, is reduced to a collection of objects or commodities for philosophical exchange. At other times, and more strongly, the flattening of ontology, the placing of every kind of object on the same ontological level, is likened to neoliberalism's reduction of all value to economic value, its flattening of value to economic value, so that everything can be calculated in the same way, the same register, suggesting a kind of false equivalence.

I have sympathies with both camps.

Em seu texto, Galloway critica a OOO [Ontologia Orientada a Objetos] e o Realismo Especulativo por separarem a ontologia da política, argumentando que uma ontologia nunca pode ser separada da política, pelo contrario, é sempre política. Ele ainda afirma que a OOO é neoliberal, ou, pelo menos, homologa o neoliberalismo. Ele baseia seu argumento em um paralelo com a programação orientada a objetos. Em outros momentos, no entanto, essa crítica é feita com outras bases também. Às vezes, o foco nos objetos é relacionado à commodificação, como um tipo de mercadoria filosófica fetichista na qual o mundo, o real, é reduzido a uma coleção de objetos ou mercadorias para permutas filosóficas. Em outras ocasiões, e de maneira mais intensa, o achatamento da ontologia – a colocação de qualquer tipo de objeto no mesmo nível ontológico – é ligado à redução neoliberal de todo valor ao valor econômico, de maneira que tudo possa ser calculado da mesma forma, com o mesmo registro, insinuando um tipo de equivalência falsa.

Simpatizo com ambos os lados dessa contenda.

I admire and endorse the renewed attention to the nonhuman that OOO/SR advocates and often participates in. I admire as well their refusal to reduce the material world, the real, to cultural, ideological, or political concepts or categories, and their proclamation that ideas or fictions or imaginations are as real as animate or inanimate objects. I do not share their claim, however, that they are doing something fundamentally new or different, as much of this ground has been covered by Latour and actor-network theory or, as Rebekah Sheldon and others have begun to point out, by feminist new materialism.

With Galloway, on the other hand, I am committed to a critique of the current capitalist or post-capitalist economic and political formation that goes under the name of “neoliberalism”.

Admiro e apoio a atenção renovada ao não humano que a OOO e o Realismo Especulativo defendem e costumo apoiar esse ponto de vista. Admiro também a recusa de reduzir o mundo material, o real, a conceitos ou categorias culturais, ideológicas ou políticas, assim como a proclamação que ideias, ficções ou imaginações são tão reais quanto são os objetos animados ou inanimados. Não compartilho o ponto de vista, no entanto, de que esses filósofos estejam fazendo algo fundamentalmente novo ou diferente, uma vez que muito desse terreno já foi coberto por Latour e pela Teoria do Ator Rede ou – como Rebekah Sheldon e outros começaram a levantar - pelo novo materialismo feminista.

Com Galloway, por outro lado, estou comprometido com a crítica ao capitalismo contemporâneo, ou com a formação econômica e política do pós-capitalismo, que segue debaixo do nome “neoliberalismo”.

As well as to their insistence that cultural categories and practices concerning, most notably, race, class, and sexuality have significant material and practical impacts not just on what people think or believe, or in the arena of imagination or representation, but on the distribution of resources and the arrangement of human and nonhuman objects within the world.

But I agree when the speculative realists resist the claim that there is a necessary connection between ontology and politics, a connection that Galloway and others identify in the case of OOO with neoliberal ideology, which reduces all value to economic value. One could just as easily argue that the flattening of ontology is sympathetic with a radical communist or socialist politics of egalitarianism in which nobody should be entitled to more of the products of our collective labor/economy or to more power or authority than anyone else. But my point is not to identify a particular politics with a particular ontological position but to maintain that there is no necessary connection between a particular account of ontology and a particular political commitment or position.

Assim como estou de acordo com sua insistência que categorias culturais relacionadas – mais notadamente – à raça, classe e sexualidade têm impactos materiais e práticos não apenas no que as pessoas pensam ou acreditam, ou na arena da imaginação e representação, mas na distribuição de recursos e arranjos do humano e de objetos não humanos no mundo.

Concordo, no entanto, quando os realistas especulativos resistem à afirmação de que há uma conexão obrigatória entre ontologia e política, uma conexão que Galloway e outros identificam no caso da OOO com a ideologia neoliberal. Poder-se-ia facilmente traçar um paralelo entre o achatamento da ontologia com políticas comunistas radicais ou socialistas de igualitarismo, segundo as quais ninguém deveria ter o direito a mais produtos do nosso trabalho/economia coletivo, mais poder ou autoridade que qualquer outro. Mas minha questão não é identificar uma política particular com uma posição ontológica específica, mas sim manter que não há relação obrigatória entre uma consideração ontológica particular e um comprometimento ou posição política.

From the perspective of radical mediation, I am not interested in taking one side of the debate against the other but rather in arguing that, despite their fierce and sometimes personalized disagreements, both sides share a commitment to the fundamental logical opposition between ontology and politics, which only repeats or renews the longer philosophical disagreement between realism and idealism or empiricism and rationalism that, following William James, I discuss in my radical mediation essay. The debate between materialism and idealism has taken various forms historically: empiricism vs. rationalism; sensationalism vs. transcendentalism, nominalism vs. universalism. This latest version of the debate, I would argue (although both sides would most likely refuse this description) appears as a conflict or disagreement between defenders of object-oriented ontology like Harman and its Marxian critics like Galloway.

Da perspectiva da mediação radical, não estou interessado em me posicionar em um ou outro lado do debate, mas sim argumentar que, apesar dos desentendimentos intensos – e por vezes pessoais –, ambos os lados compartilham um comprometimento com a oposição lógica entre ontologia e política, que apenas repete ou renova a longa desavença entre realismo e idealismo ou empirismo e racionalismo. Esse ponto, seguindo William James, levanto no artigo sobre a mediação radical. O debate entre materialismo e idealismo já tomou várias formas historicamente: empirismo versus racionalismo, sensacionalismo versus transcendentalismo, nominalismo versus universalismo. Esta última versão dessa disputa, eu diria (embora ambos os lados provavelmente recusassem essa descrição), aparece como um conflito ou desentendimento entre os defensores da ontologia orientada a objetos, como Harman, e seus críticos marxistas, como Galloway.

Following James, radical mediation would put both positions aside in favor of an understanding of mediation that, like James's radical empiricism, refuses both the idea of objects without relations or relations without objects, of a world made up of things or a world in which things are imperfect and dependent manifestations of universals like spirit or logos or capital.

Seguindo James, a mediação radical colocaria ambas as posições lado a lado a favor de um entendimento da mediação que, como o empirismo radical de James, recusa ambas as ideias de um objeto sem relações ou de relações sem objetos, de um mundo feito de coisas ou de um mundo no qual as coisas são imperfeitas e dependentes de manifestações universais como o espírito, o logos ou o capital.